

O HOMEM DUPLICADO DE JOSÉ SARAMAGO: O MEDO E A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE TERTULIANO MÁXIMO AFONSO

Karina Luiza de Freitas Assunção (UFU/LEDIF-UEMG)
karinalfa@gmail.com

A presente proposta toma como fundamentação teórica a análise do discurso de linha francesa (doravante AD), os estudos realizados por Michel Foucault e a discussão sobre o medo apresentada por Roas (2011). Para a AD, o discurso implica uma exterioridade à língua, pois as palavras ao serem pronunciadas carregam em si aspectos que remetem para o lugar social e histórico no qual o sujeito que as proferiu está inscrito. Por sua vez, o sujeito se constitui por um conjunto de vozes sociais, bem como do entrecruzamento de diferentes discursos que remetem para o lugar sociocultural e histórico no qual está inserido. Segundo os apontamentos de Roas (2011), o medo é responsável por várias emoções, dentre elas temos: temor, espanto, terror, ansiedade e melancolia. Além disso, ele menciona que a ideia de o sujeito ser duplicado faz com que ele duvide da coerência do real e da ilusão que os sujeitos possuem de serem unificados. Embasados nessas considerações, o objetivo do presente texto será analisar como se articula a constituição da subjetividade de Tertuliano Máximo Afonso, personagem principal do romance **O homem duplicado** (2008) de José Saramago, a partir de suas experiências que causam medo. Buscaremos compreender o medo desse sujeito frente a possibilidade de ter um outro sujeito igual a ele e os sentidos que emergem dessa situação.

Palavras-chave: discurso; sujeito; subjetividade; medo.

Iniciando a conversa ...

A leitura do romance **O homem duplicado**(2008) de José Saramago é algo inquietante, abrimos um parêntese para dizer que não só essa, mas todas as obras do escritor português merecem uma atenção especial, pois tratam de temas atuais, ou seja, todas às vezes que abrimos um de seus livros vislumbramos o que fomos, somos e seremos. Essa observação corrobora com o fato de acreditarmos que o texto literário é um ambiente no qual deparamos com a dispersão das subjetividades e a tentativa de reconstrução das mesmas, um espaço de lutas e embates. De acordo com Foucault (2001, p.163):

Vocês sabem que é uma descoberta paradoxalmente recente o fato de a obra literária ser feita não com idéias, com beleza, com sentimentos sobretudo, mas simplesmente com linguagem. Portanto, a partir de um sistema de signos. Mas esse sistema de signos não é isolado. Ele faz parte de uma rede de outros signos que circulam em dada sociedade, signos que não são apenas linguísticos, mas que podem ser econômicos, monetários, religiosos, sociais etc. A cada momento da história de uma cultura corresponde um determinado estado de signos, um estado geral de signos. Seria preciso estabelecer quais elementos atuam como suporte de valores significantes em sua circulação.

Assim, o texto literário deve ser tratado com muita atenção, pois nele emergem aspectos que vão além das palavras e que ajudam a vislumbrar a exterioridade que o constitui.

As considerações acima têm como objetivo introduzir a problemática que será tratada no presente artigo, uma vez que temos como objetivo analisar como se articula a constituição da subjetividade de Tertuliano Máximo Afonso, personagem principal do romance **O homem duplicado** (2008) de José Saramago, a partir de suas experiências que causam medo. Buscaremos compreender como se articula o medo desse sujeito frente a possibilidade de ter um outro sujeito igual a ele e os sentidos que emergem dessa situação.

Sujeito e discurso: alguns apontamentos

Segundo a proposta da AD, o sujeito é descentrado, clivado, heterogêneo, apreendido em um espaço coletivo não sendo constituído em uma individualidade e sim a partir de uma coletividade que o subjetiva. De acordo com Fernandes (2005, p.34):

afirmamos que o sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo, portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim em um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro.

Tendo em vista o mencionado acima, a seguir retomaremos algumas observações tecidas por Michel Foucault ao longo de suas pesquisas, pois ele afirma que o sujeito não está pronto, ou seja, totalmente constituído, nem é mensageiro de uma “verdade”, ele é constituído a todo instante pela história. Foucault, em **As palavras e as coisas** (2002), discute as práticas discursivas que objetivaram os sujeitos através da biologia, filologia e economia, afirma que o surgimento do sujeito para o saber deu-se tardiamente. O sujeito começou a pensar em si somente a partir do final do século XVIII, até esse momento ele não existia, pois sua preocupação central era classificar e organizar os seres a sua volta, ou seja, “nesse limiar apareceu pela primeira vez esta estranha figura do saber que se chama homem [...] é a nosso solo silencioso e ingenuamente imóvel que restituímos suas rupturas, sua instabilidade, suas falhas” (FOUCAULT, 2002, p. XVIII). O sujeito emerge enquanto ser e traz à tona a suas incertezas, dúvidas e instabilidade, características essas que são constituídas historicamente através de uma exterioridade que o subjetiva a todo instante.

Por sua vez, para a AD o discurso implica uma exterioridade à língua, pois as palavras ao serem pronunciadas carregam em si aspectos que remetem para o lugar social e histórico no qual o sujeito está inscrito; sendo assim, os discursos estão sempre em movência, pois sofrem a todo o momento alterações decorrentes das mudanças históricas e das transformações sociais. O discurso deve ser considerado como um lugar do não-estável, do não-lógico, do não-aparente. Isso pode ser verificado no seu próprio funcionamento. Ele é produzido historicamente e disperso ao mesmo tempo, é peculiar no sentido de que sua historicidade é única e não se repete. O acontecimento que permeia a produção discursiva também não é algo factual, datado cronologicamente, mas disperso e descontínuo.

No presente artigo partiremos do pressuposto que Foucault (2006) menciona em sua aula inaugural do *Collège de France*. Ele afirma que não queria ter que entrar na ordem daquele discurso, pois o discurso é muito mais que enunciar algumas palavras sobre um determinado assunto. De acordo com o estudioso, o discurso não é livre, ele obedece a leis que estão fora do próprio discurso, pois a produção do discurso é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, do minar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2006, p.9). O pesquisador menciona que esse controle é exercido a partir de vários “procedimentos de exclusão”, destacaremos inicialmente a interdição. Ele assevera que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2006, p.9). Ele aponta três tipos de interdição, são elas: “tabu do objeto”, a interdição sobre o tema do discurso, isso quer dizer que de acordo com ele terei ou não a interdição; “ritual de circunstância”, segundo o lugar ocupado pelos sujeitos temos um determinado ritual que deverá ser obedecido; e “direito privilegiado e exclusivo do sujeito que fala”, de acordo com a situação em que o sujeito se encontra o discurso será ou não aceito. Foucault (2006, p.9) afirma que “temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar”.

Como afirmou Foucault (2006), o discurso passa inicialmente a impressão de que ele não tem tanta importância, mas que essa afirmação não se confirma uma vez que o discurso carrega em seu interior marcas que mostram a sua complexidade. Foucault, ao longo de suas pesquisas, estuda a organização dos discursos com o objetivo de problematizar a constituição das subjetividades dos sujeitos, “meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos (FOUCAULT, 1995, p.231)”.

Por que temos medo?

Mas afinal, por que temos medo? De acordo com Lovecraft (1987), o medo é a emoção mais antiga do sujeito. Ela se faz presente a partir da relação existente entre o sujeito e o desconhecido que trazem à tona sentimentos de incerteza e perigo. Dessa forma, segundo Chaui (2011, p.135),

Temos medo do esquecimento e de jamais poder deslembrar. Da insônia e de mais um despertar. Do irreparável. Do inominável e do horror à perda do nome próprio, essa doença mortal que, um dia, Kierkegaard chamou de desespero humano. Temos medo do labirinto de espelhos, fantasmas nossos e os alheios, sonhados sonhos de “ruínas circulares” em noite fatídica.

Os medos se estendem tanto aos vivos como aos mortos e isso se amplia aos subterrâneos infernais. Nas palavras de Chaui (2011), o medo e o ódio levam os sujeitos a escravidão, a ponto de termos medo do medo. Juntamente com o medo temos a culpa, que aflora sentimentos de fracasso e perversão. O medo também incentiva a crueldade, pois ele torna os sujeitos mais insensatos, dando a eles a coragem para não fugir quando deveriam. O medo nasce da condição finita dos sujeitos e “de outras paixões e pode ser minorado por outros afetos contrários e mais fortes do que ele, como também pode ser aumentado por paixões mais tristes do que ele” (CHAUI, 2011, p.153). A autora salienta que os sujeitos que não são dominados pelo medo são movidos pela ambição e essa faz com que domine aqueles que são constituídos pelo medo.

Chaui (2011) afirma que viver com medo é ter dúvidas com relação ao porvir. Dessa forma, o presente não existe, pois os sujeitos estão condicionados ao passado ou ao futuro e esquecem de viver o presente. O medo é uma prisão que não possibilita que os sujeitos olhem para si, uma vez que estão condicionados a acreditar na exterioridade que perpassa a sua constituição. Nas palavras da estudiosa, o medo é responsável pela superstição e a religião é responsável por alimentar o medo, segundo Chaui (2011, p.161), “o medo ao divino, invisível ou visualizado pelos ritos, sob efeitos da divisão social e política, cria na imaginação religiosa dos crentes o medo ao teólogo e, neste, o medo da heterodoxia e dos rivais”.

Ainda seguindo a temática do medo, Bauman (2008) afirma que o sujeito vive hoje em meio a uma ansiedade constante. Temos medo de perder o emprego, medo da violência urbana, do terrorismo, medo de ficar sem o amor do parceiro e da exclusão, ou seja, vivemos a certeza “de que amanhã não pode ser, não deve ser, não será como hoje __ significa um ensaio diário de desaparecimento, sumiço, extinção e morte” (BAUMAN, 2008, p.13).

O estudioso assevera que vivemos um momento que a luta contra o medo é uma tarefa para a vida inteira, visto que o perigo se faz sempre presente a todo momento, sendo indissociável da vida humana. Segundo Bauman (2008, p.15):

A vida inteira é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos que nos tornam temerosos. Pode-se percebê-la melhor como uma busca contínua e uma perpétua checagem de estratagemas e expedientes que nos permitem afastar, mesmo que temporariamente, a iminência dos perigos __ ou, melhor ainda, deslocar a preocupação com eles para o incinerador lateral onde possam, ao que se espera, fornecer esquecidos durante a nossa duração.

A partir das observações acima, podemos observar que o medo é uma constante para os sujeitos, no entanto, ele apresenta algumas nuances interessantes, como por exemplo, a possibilidade de controle dos sujeitos. Os sujeitos têm medo do desconhecido e daquilo que não podemos controlar.

Tertuliano, personagem central do romance **O homem duplicado** (2008) de José Saramago, é um sujeito constituído pelo medo, principalmente, depois que descobre a existência de outro sujeito igual a ele. A análise que procederemos a seguir ajudará a vislumbrar o funcionamento do medo na constituição da subjetividade do sujeito Tertuliano.

O medo e a subjetividade de Tertuliano: o pavor de vir a ser

Tertuliano é um professor de História que está passando por uma crise existencial, ele está deprimido e não sabe mais o que deve ensinar para os seus alunos se a história de traz para frente ou ao contrário. Em meio a essas dificuldades ele assiste a um filme indicado pelo seu amigo o professor de Matemática e nele depara com um personagem igual a ele fisicamente. Nesse momento Tertuliano fica muito fragilizado e com medo do que essa situação lhe trará para o futuro. O primeiro fragmento que elegemos para a nossa análise é quando Tertuliano percebe a semelhança existente entre eles e o medo toma conta de si.

Com as mãos trémulas abriu e fechou gavetas, desentranhou delas envelopes com negativos e cópias fotográficas, espalhou tudo sobre a secretária, enfim encontrou o que procurava, um retrato seu, de há cinco anos. Tinha bigode, o corte de cabelo diferente, a cara menos cheia (SARAMAGO, 2008, p.22).

Tertuliano está fragilizado pela possibilidade de existir outro igual a ele, a constituição de sua subjetividade está fundamentada na insegurança de que algo ruim possa acontecer. Ele

procura as fotos com o objetivo de certificar que a sua observação está fundamentada em algo verossímil. Tertuliano “representa” os sujeitos que sentem medo em função da menor possibilidade que algo aconteça de ruim e que desestabilize sua “falsa” harmonia. A seguir temos outro fragmento que narra outro momento que Tertuliano sente-se fragilizado e com muito medo.

Correu-lhe pela espinha uma rápida sensação de medo e pensou que há coisas que é preferível deixá-las como estão e ser como são, porque caso contrário há o perigo de que os outros percebam, e, o que seria pior, que percebamos também nós pelos olhos deles, esse oculto desvio que nos torceu a todos ao nascer e que espera, mordendo as unhas de impaciência, o dia em que possa mostrar-se e anunciar-se (SARAMAGO, 2008, p.24).

Nesse momento da narrativa Tertuliano sente medo e afirma que existem situações que são tão assustadoras que é melhor não as conhecermos. Os enunciados “há o perigo de que os outros percebam” e “que percebamos também nós pelos olhos deles” produzem sentidos que apontam para a facilidade que existem em ocultar determinadas situações, no caso de Tertuliano temos a semelhança existente entre ele o ator Antônio Claro. É mais cômodo nos resguardamos de algumas situações que nos colocam em situações que demandam uma tomada de atitude e, conseqüentemente, um futuro incerto. Tertuliano é um sujeito discursivo que sente medo do desconhecido e das conseqüências oriundas das relações estabelecidas com outros sujeitos podem trazer à tona. Reiterando Bauman (2008), os sujeitos atualmente sentem medo de praticamente todas as situações que de alguma forma represente “perigo” para a sua suposta “estabilidade”. Tertuliano enfrenta muitas dificuldades, mas a descoberta da possibilidade da existência de um sujeito igual a si desestabiliza o que já não tinha estabilidade. O sujeito discursivo não vive mais o presente, pois tem medo do futuro, seus pensamentos e emoções estão envoltos por uma névoa da transitoriedade das relações e da vida. O que o outro descobrir a seu respeito pode não ser o que ele gostaria que percebesse, entretanto, Tertuliano não tem o controle sobre os sentidos que suas ações causam no outro e, conseqüentemente, sente fragilizado frente a essa dificuldade. O próximo fragmento foi retirado de um diálogo estabelecido entre o personagem central da narrativa e o professor de matemática.

Significa, sim, que muito bem poderá uma pessoa, homem ou mulher, estar a despedaçar-se no seu interior por efeito da solidão, do desamparo, da timidez, daquilo que os dicionários descrevem como um estado afectivo desencadeado nas relações sociais e com manifestações volitivas, posturais e neurovegetativas, e não obstante, às vezes até por causa de uma simples

palavra, por um dá-cá-aquela-palha, por um gesto bem intencionado mas em excesso protector, como aquele que há pouco escapou ao professor de Matemática, eis que o pacífico, o dócil, o submisso de repente desaparecem da cena e em seu lugar, desconcertante e incompreensível para os que da alma humana já supunham saber tudo, surge o ímpeto cego e arrasador da ira dos mansos. O mais normal é que dure pouco, mas dá medo quando se manifesta. Por isso, para muita gente, a prece mais fervorosa, na hora de ir para a cama, não é o consabido pai-nosso ou a sempiterna ave-maria, mas sim esta, Livrai-nos, Senhor, de todo o mal, e em particular da ira dos mansos(SARAMAGO, 2008, p. 44).

A fragilidade da condição humana se faz presente de forma muito significativa em todo o fragmento acima e aponta para sentidos que vislumbram um não controle das situações que os sujeitos enfrentam em seu cotidiano. Mesmo o sujeito pedindo a “Deus” que “livre do mal” ele se faz presente através de uma série de situações, como podemos observar através dos enunciados “solidão”, “desamparo” e “timidez”. O medo nasce da finitude da condição humana. Tertuliano sente muito medo em vários momentos da narrativa, dentre eles destacamos o seguinte:

Neste mesmo instante, sumiu-se a breve consolação que caridosamente o tinha estado embalando e, em vez dela, como uma dor que de repente se fizesse lembrar, o medo reapareceu. Não sabemos tudo do que nos espera para além de cada acção nossa, havia dito a mãe, e esta verdade corriqueira, ao alcance de uma simples dona de casa de província, esta verdade trivial que faz parte da infinita lista das que não vale a pena perder tempo a enunciar porque já a ninguém tiram o sono, esta verdade de todos e igual para todos pode, em algumas situações, afligir e assustar tanto como a pior das ameaças (SARAMAGO, 2008, p.113).

O medo não é uma constante, mas ele se faz presente quase sempre e vem acompanhado da “dor” e da fragilidade do sujeito frente ao futuro incerto e duvidoso que permeia a constituição dos sujeitos. Os sujeitos são constituídos pelo medo, mas sabem muito pouco a seu respeito, em várias situações percebemos que ele é considerado algo trivial. Entretanto, ao atentarmos para a sua constituição, observaremos que muitos medos são elaborados com o objetivo de controlar os sujeitos que passam a assumir determinadas atitudes em função da historicidade que permeia a sua constituição. Tertuliano não é diferente, ele sofre por imaginar o que os outros sujeitos irão dizer sobre a semelhança existente entre ele e o ator.

Além disso, vale ressaltar que o personagem da narrativa saramaguiana sofre depressão e tem crises de ansiedade, como podemos observar a seguir, “Tertuliano Máximo Afonso reconhecia consigo mesmo, Não há outro remédio, vou ter de esperar até segunda-

feira para telefonar à produtora. Disse-o e nesse instante sentiu um aperto na boca do estômago, como um súbito medo (SARAMAGO, 2008, p.71). O sujeito discursivo Tertuliano elabora um plano com o objetivo de descobrir o endereço do ator, entretanto, esse plano tem que ser adiado temporariamente e isso o incomoda, pois ele terá que esperar mais tempo. Para um sujeito ansioso a espera pode ser algo extremamente traumática, pois ele terá mais tempo para refletir sobre as possibilidades de encaminhamento para a situação que o incomoda.

(In) Conclusão

Entre os sentimentos que constituem os sujeitos o medo é um dos mais constantes. O presente texto buscou compreender a constituição da subjetividade do sujeito discursivo Tertuliano Máximo Afonso tomando como referencial o medo. A partir das considerações elencadas no decorrer do artigo podemos concluir que a literatura é arte responsável por provocar e inquietar os sujeitos. Através dela observamos que sentimentos como o amor, a raiva, o ciúme, a esperança, a tristeza, a alegria, o desejo, a inveja, a amizade, medo e tantos outros, se fazem presente e apontam para o fato de que os sujeitos estão sempre em movência.

Ao analisar a constituição da subjetividade de Tertuliano observamos que o medo é uma constante e que ele assume várias posições em função do medo que sente que os outros sujeitos saibam da existência de sua cópia. Esse fato assombra a ponto de ele preferir assumir a identidade do ator Antônio Claro do que revelar a semelhança existente entre eles.

Assim sendo, a análise da subjetividade de Tertuliano ajuda a vislumbrar não só o seu funcionamento, mas também ajudam a compreender como se articula a subjetividade de cada um de nós, pois também somos sujeitos constituídos pelo medo e muitos outros sentimentos que coadunam para a constituição de uma subjetividade fundamentada no vir a ser.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CHAUI, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FERNANDES, C, A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-249.
- _____. Linguagem e literatura. In: MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LOVECRAFT, H. P. Introdução. In: **O horror sobrenatural na literatura**. Trad. João G. Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987, p. 1-6.

SARAMAGO, J. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.